



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol XXVI, número 2, jul-dez, 2021, pág. 248-268.

INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL NO CONTEXTO ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Aline Vitorino Nunes
Virginia Karla Rosas de Souza
Adinete Sousa da Costa Mezzalira
Marcelo Calegare

RESUMO

O presente artigo foi desenvolvido com base em uma experiência prática proposta pela disciplina Processos Psicossociais e Intervenções, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. O objetivo foi realizar uma vivência baseada no aporte teórico da Psicologia Social Comunitária (PSC), contribuindo para o crescimento das pesquisadoras e da comunidade de alunos da Escola Municipal onde as atividades foram desenvolvidas. A escolha do local se deu a partir do reconhecimento da importância da vivência escolar na formação da identidade e ao sentimento de pertença comunitária em crianças e adolescentes. Foram realizados dois encontros baseados nas demandas levantadas por alunos a respeito de melhorias para sua escola, os quais foram desenvolvidos de maneira lúdica entre os discentes. Percebemos que as dinâmicas fomentaram protagonismo aos adolescentes acerca de sua própria vivência escolar. Diante disso, percebemos a relevância das estratégias utilizadas para o desenvolvimento das atividades de intervenção, que estavam alinhadas aos pressupostos da PSC no âmbito escolar. Por fim, a aplicação do aporte teórico da PSC nos mostrou ser um grande desafio. Percebemos a importância de vivenciar a comunidade e se inserir de fato no contexto, independente da atividade a ser realizada.

Palavras-chaves: psicologia social comunitária. Intervenção psicossocial. Contexto escolar

PSYCHOSOCIAL INTERVENTION IN THE SCHOOL CONTEXT: AN EXPERIENCE REPORT

ABSTRACT

This article was developed based on a practical experience proposed by the discipline Psychosocial Processes and Interventions, offered by the Graduate Program in Psychology at the Federal University of Amazonas. The objective was to carry out an experience based on the theoretical contribution of Community Social Psychology (CSP), contributing to the growth of researchers and to the students' community of the Local School where the activities were developed. The location was chosen based on the recognition of the importance of school experience in the formation of identity and the feeling of community belonging in children and youths. Two meetings were held based on the demands raised by students regarding improvements to their school, which were developed in a clear way among the students. That said, we realized the relevance of the strategies adopted to the development of the intervention activities, which were aligned with the assumptions of the PSC in the school context. Finally, the application of the theoretical contribution of the PSC proved to be a great challenge. We realize the importance of experiencing the community and inserting ourselves in the context, regardless of the activity to be carried out.

Keywords: community social psychology. Psychosocial intervention. School context.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Introdução

Este relato de experiência foi desenvolvido com base em uma experiência prática proposta pela disciplina PGPSI503- Processos Psicossociais e Intervenções, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. O objetivo foi realizar uma vivência baseada no aporte teórico da Psicologia Social Comunitária (PSC), contribuindo para o crescimento das pesquisadoras e da comunidade de alunos da Escola Municipal onde as atividades foram desenvolvidas. A escolha do local se deu a partir do reconhecimento da importância da vivência escolar na formação da identidade e ao sentimento de pertença comunitária em crianças e adolescentes.

Guiamos nosso estudo segundo os preceitos da PSC, que compreende comunidade como: o território, a história e valores compartilhados e um modo de vida social, além do mesmo sistema de representação social, um sentimento de pertença e uma identidade social. São características que foram construídas ao longo do tempo, relações diretas e íntimas em um mesmo espaço de físico-social de uma sociedade maior (Góis, 2005). Por essa definição, compreendemos que a escola e o contexto escolar podem ser considerados como uma comunidade: a comunidade escolar. Nesse sentido, Andery (1984) já apontava que os trabalhos desenvolvidos em comunidades escolares desde os anos 1970 e 1980 vinham sendo feitos pela ótica da PSC, contribuindo também para a própria configuração da PSC no Brasil.

A partir desse entendimento, iniciamos as reflexões a respeito do planejamento das atividades apresentadas a partir das três dimensões que Freitas (2014) nos propôs, a saber: (a) o plano de ação, que deve possuir coerente fundamentação teórico-metodológica para trazer resultados confiáveis nas comunidades; (b) efetividade nas demandas a serem trabalhadas na comunidade; (c) relevância social nas contribuições e impactos que garantam a mudança social.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Diante disso compreendemos a relevância que Freire (1980) nos trouxe ao elucidar sobre o processo de conscientização. Ao refletir que a educação no sentido libertador tem como prioridade desenvolver a tomada de consciência e a criticidade através daquilo que o próprio sujeito escolhe. A conscientização é feita sobre a vivência singular do sujeito em avaliar a própria estrutura na qual faz parte e contribui para a manutenção. Para isso, não se promove conteúdos frios e distantes, mas no questionamento que permeia seu cotidiano.

Neste sentido, nos apropriamos do que elucidou Freire (2019) a respeito da construção do processo educativo presente no viés da libertação. O conhecimento não é a transferência acrítica e mecânica de conteúdos, mas a construção de possibilidades para a produção autônoma de construção. Por isso, pensar na intervenção psicossocial através da psicologia social comunitária não é apenas uma promoção enfocada em um conteúdo exógeno a comunidade, todavia ser agente fomentador da criação de possibilidade a partir da perspectiva das pessoas integrantes da comunidade.

Com base nesse delineamento apresentado, observamos que uma atividade psicossocial deve considerar a participação dos sujeitos inseridos na comunidade e o seu fortalecimento em prol da transformação de sua realidade social. Montero (2005, 2010) nos definiu o fortalecimento como fenômeno que não se recebe de uma pessoa a outra dentro de uma relação horizontal, mas é construído com os atores envolvidos em um processo comunitário que favorece a autogestão.

Guareschi (2010) nos elucidou que comunidade se trata de um termo polissêmico. Além disso, está estreitamente ligado a concepção de ser humano em sua ontologia. O autor explica que diferentemente das concepções liberais que veem o humano como um ser que compõe muitas partes, ou a totalitária que a espécie humana tem sua singularidade reduzida a compor uma entidade maior, para a psicologia comunitária, a pessoa é a soma de relações que estabelece. Logo a comunidade, no viés social comunitário, é uma rede



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

relações que compõem o grupo, não é possível pensar nas pessoas e comunidade separadamente.

Pereira (2001) nos acrescentou que na prática do método psicossocial é a participação dos sujeitos envolvidos na demanda que garante o êxito, já que a construção de dispositivos estratégicos para as resoluções implicará diretamente no cotidiano dos comunitários. Sendo assim, nessa prática não há pessoas que detém conhecimentos mais que outras. Os agentes internos (membros da comunidade) e os agentes externos (nós universitários) trabalham em prol de um objetivo definido em comum acordo. Essa concordância compartilhada, ou a sua discrepância, é o que traz a medida do sucesso ou do fracasso da intervenção comunitária (Montero, 2010).

Góis (1994) alertou que apesar da prática entre profissionais e moradores de comunidade produzir sentimentos favoráveis ao fortalecimento, isto não é conseguido em processo simples e fácil, sendo muito comum o sentimento de fracasso aparente, a frustração e a desistência. Nesse sentido, Freitas (2010) nos apontou como um dos pontos chave na efetividade de um projeto a construção de relação entre todos os envolvidos no seu processo de desenvolvimento. O mesmo nos foi apresentado por Freire (1980), que nos exortou acerca de ser fundamental a vivência daqueles que desejam mediar processos de transformação no ambiente que almejam mudança:

Eu não posso denunciar a estrutura desumanizante se não a penetro para conhecê-la. Não posso anunciar se não conheço, mas entre o momento do anúncio e a realização do mesmo existe algo que deve ser destacado: é que o anúncio não é anúncio de um anteprojeto, porque é na práxis que o anteprojeto se torna projeto. É atuando que posso transformar meu anteprojeto em projeto (p.29).

A partir dessa discussão prévia apresentada, discorreremos à seguir sobre as ações apresentadas, os desdobramentos teóricos que a prática nos levou a refletir, seus resultados, nossas impressões, erros e acertos na concretização das atividades e nossa própria apropriação da teoria vivenciada.



Método

As orientações teórico-metodológicas sobre como realizar uma intervenção psicossocial surgiram nos estudos de Góis (1994, 2005), que aponta para um conhecimento e fazer onde não se pode ter como problema central a relação saúde e doença ou prevenção e tratamento e sim a construção do indivíduo como sujeito emergente da atividade comunitária e das circunstâncias sócio-históricas do lugar. Assim o campo de atuação torna-se a comunidade ao qual abrange espaço geográfico, social, econômico, político, simbólico, significativo e básico da vida em sociedade, tanto rural como urbano.

As características quem tem de estar presentes nessa prática: 1. ser um trabalho coletivo; 2. dirigido e orientado pelas necessidades e demandas coletivas; 3. lidar com grupos e suas variações; 4. conhecimento contínuo e atualizado sobre a dinâmica/vida comunitária; 5. ter presente a possibilidade de mudanças; 5; a todo momento trazer questionamentos sobre a importância e viabilidade das atividades; 6. não possuir tem previsto para o término (Freitas, 1998).

Para Freitas (1998) existem passos desde o início, estratégias e instrumentos para construir a inserção nas comunidades. Dentre os propostos pela a autora, a ação fora baseada em: um primeiro momento constituído pela forma de contato, no caso a escolhida fora a de tentativas, onde o psicólogo se faz conhecer junto à comunidade ou seus representantes (no caso a ida das estagiarias até a escola e os alunos) na tentativa de colocar seus serviços à disposição, aceitando assim a avaliação da comunidade de aceitar ou não seu trabalho.; A partir daí vem o segundo e terceiro momento, onde inicia-se um processo contínuo na intenção de obter informações e interações; O segundo momento é feito de encontros com a turma em específico, objetivando 1º coletar informações sobre a vida, condições de moradia e vivências dentro da escola; 2º identificar as necessidades e problemáticas vividas por esses alunos e sondar assim 3º modos alternativos de enfrentamento e resoluções encontradas



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

pelos próprios alunos; o terceiro momento é a constituição de grupos para execução das alternativas propostas por eles.

Ainda de acordo com Góis (1994, 2005) há 3 tipos de relações no fazer da PSC: (a) Relação assistencial (Senso comum); (b) Relação técnica (instrumental); e (c) Relação comunitária. Para esta ação realizada na escola, buscamos estabelecer a relação comunitária que visou à transformação da alienação em reflexão e solidariedade através de ideologias de reconhecimento, força e capacidade dos sujeitos ali presentes. Sendo assim, buscamos a construção de uma relação dialógica com vistas a autonomia, aprofundamento da consciência de si, do mundo e do fortalecimento da comunidade.

Diante do exposto, a ação aqui parte do modo de intervenção em que a inserção, contato e entrada que o psicológico constrói na comunidade são orientados pelas dificuldades que a população vive, definindo-se assim os objetivos norteadores posteriormente, neste tipo de ação existe a especificidade técnica e profissional junto a participação conjunta da população nas discussões sobre a pertinência das ações (Freitas, 2010).

As considerações de Martín-Baró (2017) sobre a atuação da psicóloga reforçam tal metodologia, pois o autor enfatiza a abertura teórico-prática nas demandas trazidas pela comunidade e sua contínua dedicação em se fazer presente e participativo. Também aponta a redefinição do que seriam os problemas populares/público-alvo, que devem partir do processo de comunicação e diálogo entre psicóloga, Psicologia e com os próprios sujeitos. Portanto para definição da problemática a ser trabalhada é preciso primeiro estar em contato com o público-alvo para defini-la e, a partir disso, pensar no marco teórico e metodologias a serem utilizadas.

Contextualização do local

As atividades foram realizadas em uma escola municipal pública localizada na zona norte de Manaus que se encontra em desenvolvimento, sendo marcada pela construção de condomínios de todas as classes sociais, bairros populares e zonas rurais. A escola contém nove salas. A entrada é constituída de um espaço



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

comum que fazem parte a cozinha, a secretaria e sala dos professores. Nesse lugar acontecem as refeições e atividades recreativas, assim como a educação física, pois não há quadra poliesportiva. Realizamos as atividades com uma turma de oitavo ano do ensino fundamental que possui 29 alunos, composta por meninos e meninas, cuja escolha foi sugerida pela gestora do local.

Instrumentos

Por se tratar de um relato de experiência, utilizamos como instrumento para obtenção de materiais acerca da vivência o diário de campo, tendo em vista o que Guerra (2014) explanou sobre registrar as percepções diárias do pesquisador, de forma escrita ou gravada. Nesse diário devendo-se deve registrar conversas informais, observações de comportamento, falas e impressões pessoais. Fernandes e Moreira (2013) definiram o diário de campo com uma ferramenta em que o pesquisador registra suas ideias, sentimentos e opiniões para coletar informações que serão submetidas à análise científica.

Não fizemos uso de gravador. Em nosso diário anotamos apenas coisas apenas escritas sobre as atividades realizadas, impressões, conversas e etc. Além disso, fizemos registro fotográfico das ações desenvolvidas em cartolinas, ofício e lousa.

Procedimentos

Com base nas teorias que se dedicam ao estudo de processos grupais e especialmente com enfoque social comunitário da Psicologia, os encontros realizados com os alunos continham: (a) dinâmicas em grupo tanto no grupo enquanto classe escolar quanto em subgrupos que os mesmos se organizaram; (b) atividades lúdicas que permitiam aos alunos se expressarem a respeito da comunidade escolar que estão inseridos (Luiz, Prá & Azevedo, 2014). As atividades tinham como principal objetivo fortalecer os alunos quanto às demandas que apresentassem e incentivar o protagonismo deles na resolução daquilo que considerassem dificuldades dentro do ambiente escolar. Utilizamos nessas atividades papéis ofícios, lápis coloridos, pinceis atômicos e cartolinas.

As visitas ocorreram em dois encontros:



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Encontro 01.

No primeiro encontro, primeiramente, foi feita a apresentação das profissionais, acompanhada da dinâmica quebra-gelo para aproximação com a turma. Após essa atividade, deu-se início à busca pela demanda dos alunos que consistiu em 4 momentos:

- (1) Dividir a turma em grupos e nomeá-los de acordo com seus gostos em comum;
- (2) O grupo teria que indicar e compartilhar um ponto positivo e um negativo sobre a escola;
- (3) O grupo iria expor o que poderia melhorar na escola, algo que fosse possível ser feito por eles mesmos e com o nosso auxílio se fosse preciso;
- (4) A turma escolheria, a partir das demandas apresentadas pelos grupos, qual a atividade que seria realizada na escola.

Encontro 02.

Com base nas demandas apresentadas pelos estudantes no primeiro encontro, as atividades foram pensadas utilizando-se de estratégias de enfrentamento diante das dificuldades encontradas na escola pelos alunos. Assim, nesse encontro os estudantes desenvolveram as seguintes atividades:

- (1) A depredação na escola: uma construção autônoma. Eles teriam que pensar em uma ação que pudesse evitar a destruição dos bens materiais da escola;
- (2) Esportes: a superação através da criatividade. Realizar o jogo de mímica do esporte;
- (3) Valorização da vida. Fazer um cartaz com desenho ou frases direcionadas a um colega visando o seu bem-estar emocional a partir da pergunta disparadora “o que vocês acham que ajudaria a melhorar o dia de alguém?”;
- (4) Uma conversa sobre segurança na escola.

Resultados e Discussão



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Os resultados encontrados serão apresentados e discutidos da seguinte forma.

No item 1 “Conhecendo a necessidade escolar dos estudantes” serão abordados os aspectos positivos e negativos da escola, bem como as sugestões de melhorias para o contexto escolar e a identificação da demanda coletiva. No item 2 “Construindo uma ação coletiva a partir da realidade escolar” serão apresentadas as atividades desenvolvidas pelos estudantes com base nas demandas levantadas.

Conhecendo a Necessidade Escolar dos Estudantes

Aspectos positivos e negativos sobre a escola: um espaço de construção.

Foram formados cinco grupos, nomeados das seguintes formas: JLLBS; Outro Patamar; Caneta Azul; Os tambaquis; Os Hackers. Esses grupos consideraram os seguintes pontos positivos e negativos, expressos na tabela 1.

Tabela 1

Aspectos Positivos e Negativos sobre a Escola

Grupos	Sugestões
JLLBS	1. Professor faltar 2. Quando não tem mingau de arroz
Outro Patamar	1. Quando o professor falta 2. Quando o professor vem
Caneta Azul	1. Merenda boa 2. Não ter quadra
Os Tambaquis	1. Educação física 2. Merenda (quando acaba)
Os Hackers	1. Wi-Fi 2. Estrutura da escola

Nota. Número 1 designa aspectos positivos, enquanto número 2 os aspectos negativos.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Através das colocações dos grupos observamos a colocação quase que unânime quanto à estrutura da escola ser considerada enquanto um aspecto lembrado. Isso nos faz refletir sobre o que Câmara (2008) fala a respeito da “eficácia coletiva” que para que se chegue a ela se necessita que o grupo não apenas compartilhe das mesmas crenças do que seriam melhorias, mas que enquanto grupo pensem em uma solução conjunta. Neste momento, percebemos que os alunos aspiravam aos mesmos desejos, mas não haviam conversado sobre isso entre si.

Em seguida realizamos uma votação para eleger o problema prioritário a ser trabalhado. A opção mais votada foi relacionada à estrutura da escola: não ter quadra ou espaço suficiente para atividades esportivas. Entretanto essa opção não era viável e cabível a nós resolver no tempo da intervenção na comunidade escolar. Fizemos uma nova votação com atividades relacionadas ao esporte, tendo como resultado a brincadeira “barra bandeira”. Nos despedimos e marcamos o próximo encontro para a realização da atividade.

No segundo encontro, por conta da escola não possuir quadra e eles estarem no número de 29 alunos, percebemos somente na hora de planejar a execução da atividade que não seria possível. Por isso, levamos uma segunda sugestão a eles do brincar, no qual envolvesse as questões trazidas no encontro anterior. Neste ponto, ressaltamos o que Silva e Mendes (2012) conceituam sobre jogos em grupo e a possibilidade que eles trazem de os indivíduos expressarem seu mundo interno através de representações intersubjetivas.

Sugestões de melhorias: uma construção a partir da interação nas relações.

A partir do diálogo no grupo e entre os grupos foram apresentadas sugestões que afetassem positivamente o contexto escolar e, por conseguinte, a vida de todos os envolvidos na escola. Assim, os estudantes cogitaram as seguintes melhorias expressas na tabela 2.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Tabela 2

Sugestões de melhorias segundo os grupos

Grupos	Sugestões
JJLBS	Parar de riscar as paredes e cadeiras
Outro Patamar	Melhorar a segurança da escola
Caneta Azul	Aula sobre a valorização da vida
Os Tambaquis	Quadra (desejo de construção de uma)
Os Hackers	Repintar as cadeiras, não pinchar mais

Nota. As sugestões foram postas no quadro branco e podendo serem mudadas, mas nenhum grupo manifestou desejo de mudança.

Percebemos que alguns temas surgiram como demanda dos alunos, mesmo que em diferentes aspectos. O principal deles é a respeito da infraestrutura da escola, tendo em vista que três dos cinco grupos trouxeram como demanda esse fator para melhoria. Outros temas a respeito de questões relacionadas à segurança e à saúde mental denotaram o quanto os alunos estão implicados com a realidade da escolar, não apenas no que concerne a educação em si, mas no contexto que esta comunidade está inserida.

Novamente, enfatizamos sobre a importância da construção de demanda no modelo de intervenção psicossocial ser realizada durante o contato dos indivíduos que serão implicados nela. Conforme Mar (2002) explicou, é no momento de interação dos indivíduos que conhecemos o que de fato é significativo para eles. Nesse sentido, nos surpreendemos com o incômodo dos alunos a respeito do ambiente físico apresentado por três grupos, o que nos confirmou o sentimento de pertença dos alunos sobre aquele lugar e seu desejo de transformação.

Esse sentimento de pertença é fundamental na construção de uma identidade cultural e no fortalecimento de determinada comunidade, que em situações adversas apresenta resiliência em desenvolver estratégias em grupo e se reerguer, conforme objetivo coletivo (Ojeda, 2005). Diante disso percebemos



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

um dos aspectos que compõem tamanha relevância em se sentir pertencente de determinado espaço, especialmente a escola.

Os alunos apresentaram preocupação com a escola e desejo por melhorias. O grupo “Outro Patamar” sugeriu que a segurança fosse melhorada e todos concordaram, pois relataram que a escola pelo menos uma vez ao mês é furtada. O grupo dos “Hackers” sugeriram que fosse feito um mutirão para pintar todas as cadeiras e paredes e em seguida fosse feita uma conscientização para que não pinchassem mais o ambiente/cadeiras. Outro ponto em que todos concordaram foi a construção de uma quadra, sugestão do grupo “Os Tambaquis”, pois assim poderiam ter mais opções de esportes a serem praticados, além de futebol e tênis de mesa: “*seria legal praticar outras coisas*” (Aluno).

Identificando as demandas coletivas.

A partir das sugestões de melhorias apresentadas pelos grupos, conseguimos identificar quatro pontos principais:

- (1) Depredação do patrimônio escolar;
- (2) Construção de uma quadra esportiva;
- (3) Valorização da vida;
- (4) Segurança na escola.

De todas as opções levantadas pelos grupos, foi unânime a sugestão do grupo “Os Tambaquis” que solicitaram a construção de uma quadra de esportes, porém como não tínhamos como viabilizar tal proposta, dialogamos com eles a importância de pensarmos em ações que pudessem ser efetivas na escola, levando em consideração a sua estrutura, o funcionamento e a dinâmica. Após esse diálogo, os grupos optaram por realizar alguns esportes na escola. Veja a tabela a seguir:



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Tabela 3

Sugestões de atividades

Grupos	Opções
JJLBS	Queimada
Outro Patamar	Barra bandeira
Caneta azul	Queimada
Os Tambaquis	Futebol americano
Os Hackers	Vôlei

Em seguida já com os grupos desfeitos cada aluno votou em uma opção, ficando empate entre Vôlei e Barra-Bandeira. Com apenas duas opções, a Barra-Bandeira ganhou tornando-se uma sugestão de atividade recreativa a ser desenvolvida pelos estudantes na escola.

Construindo uma ação coletiva a partir da realidade escolar

A depredação na escola: uma construção autônoma.

Nessa atividade os grupos foram orientados a pensar em algo que evitassem que os outros riscassem as paredes e cadeiras. Frente a essa instrução os grupos fizeram placas de aviso/recados e/ou sugestões que acreditavam serem eficazes para a situação, conforme tabela 4.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Tabela 4

Placas de aviso/recados ou sugestões por grupo

Grupos	Placas De Aviso/Recados	Sugestões Para Que Não Ocorresse Mais
JJLBS	“Não pinche as carteiras e paredes” – desenho: símbolo de proibido	
Outro Patamar	“Não risque as cadeiras e as parede, pois, não é você que gasta dinheiro para ficar tudo arrumadinho. Por favor não risque, pois isso custa dinheiro”	
Caneta azul		“Botar avisos, quando o individuo riscar parede ou carteira terá a obrigação de pintar ou limpar (se for o caso)” “Talvez podíamos ter uma parede para a pessoa que riscar a escola poderia expressar nessa parede”
Os Tabaquis	“Diga não ao vandalismo, temos que cuidar da nossa escola porque nela que nos ensina, a ler, escrever etc...” – desenho: um boneco estilo palito riscando uma representação da parede e um x simbolizando a proibição.	
Os Hackers		“Campanha contra o rabiscamento de cadeiras e mesas, paredes entre outros, em troca a escola colocará internet HG para os que se destacarem na campanha. Ass: Diretor Jubilel”

Propusemos tal atividade embasada no que abordaram Ximenes, Nepomuceno e Cidade (2016) sobre os princípios da Psicologia da Libertação. Os autores sugeriram que se faça um convite aos sujeitos a refletirem sobre suas próprias capacidades e elaborarem maneiras de solucionarem seus próprios problemas, a partir de questionamentos possíveis e soluções que possam ser concebidas na realidade, não apenas em um plano utópico do que seria o melhor. Os alunos



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

trouxeram várias estratégias com os aspectos que lhes cabiam. Sobre eles, não lançamos juízo de valor, apenas o questionamento sobre a viabilidade do que trouxeram como resolução.

Esportes: a superação através da criatividade.

Os estudantes haviam escolhidos a priori o jogo de barra-bandeira, que consiste em um espaço amplo no qual se divide dois times e cada um possui uma bandeira, objetivando capturar ela do “inimigo” e levar para o seu lado e assim vencer o jogo. Por conta da escola não possuir quadra e eles estarem no número de 29 alunos, percebemos no coletivo que seria inviável concretizá-la. Por isso, foi sugerida a utilização da mímica esportiva como uma forma de expressar criativamente o desejo de brincar e jogar no espaço escolar.

Em tiras de papel escrevemos o nome de cada esporte para que apenas um fosse sorteado e o grupo tivesse que fazer a mímica aos outros, sendo que para pontuar além da mímica os demais teriam de adivinhar qual era o esporte. Percebemos que essa atividade os alunos mostraram-se engajados em participar, juntos mesmo sem estarem efetivando as atividades inventadas. Todos se divertiram no processo de imaginar. A partir disso, refletimos sobre o que Sawaia (2009) defendeu a respeito da criatividade como dimensão ético-política da ação transformadora, e que ao se utilizar dela temos a expressão da singularidade na ação política emancipadora.

Valorização da vida: “o que vocês acham que ajudaria a melhorar o dia de alguém?”.

Nessa atividade cada grupo construiu um cartaz de acordo com aquilo que achava que seria importante para o outro. Na tabela 5 está descrito algumas das frases colocadas no cartaz e/ou a arte que fora feita por eles e porque eles acreditavam que aquilo era importante e ajudaria o colega.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Tabela 5

Escritas no cartaz e justificativas sobre a valorização da vida

Grupos	Escritas no cartaz	Justificativa
JLBS	“eu te amo” “Netflix” “12 mil reais na conta”. Desenhos: se desenharam de mãos dadas, bonecos estudando juntos, conversando.	Não opinaram
Outro Patamar	“Free fire”. Desenhos: um smartphone, dois sacos com símbolos de cifrões.	Não opinaram
Caneta azul	Desenho: uma janela, uma árvore de natal e cinco presentes.	Acreditam que o natal seja importante para as pessoas
Os Tambaquis	“Nosso sonho era ganhar o pro league em um campeonato entre os youtubers famosos, isso ia nos deixar muito feliz”. Desenho: um pódio com o primeiro lugar levantando uma taça, segundo e terceiros exibindo uma medalha, ao redor pessoas comemorando.	Não opinaram
Os Hackers	“O que cura a depressão não é remédio, são seus amigos” “tá triste, mal-humorado, depressão, games eduu é a solução” “anima platina” – várias frases sobre o flamengo, como titulação, prêmios, gols.	Relataram a importância de ter os amigos por perto na escola.

Nota. Os cartazes foram pendurados pelos alunos nos locais que escolheram. Para análise foram feitos registros fotográficos.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

O objetivo desta atividade vai de encontro com o que Ximenes et al. (2016) nos explicaram sobre a necessidade de construção de modelo de saúde comunitária. Diferentemente do modelo biomédico focado nos processos de adoecimento, os pressupostos da saúde comunitária prezam que os indivíduos se tornem ativos quanto aos seus cuidados e agentes na promoção de saúde. Neste exercício de reflexão e criatividade, todos nós pensamos no que trazia bem-estar a si e para os outros.

Uma conversa sobre segurança na escola.

Infelizmente, não conseguimos realizar todas as atividades em decorrência do tempo estabelecido. Precisamos interromper a última atividade, haja vista estar se aproximando do horário de saída dos alunos, o que atrapalhou nosso tempo de diálogo. Devido ao tempo, encerramos as atividades com as premiações de caixas de chocolate para cada grupo.

Considerações Finais

A vivência da experiência realizada na Escola Municipal, na perspectiva da PSC, nos permitiu vislumbrar o campo de atuação da psicóloga sob um olhar em que a reciprocidade das relações permite a todos os envolvidos o crescimento nos âmbitos pessoais e principalmente profissionais. No âmbito escolar, percebemos que na atuação através da PSC, a práxis psicológica vai além da Psicologia tradicional e corrobora no fortalecimento dos alunos em sua comunidade, protagonismo das demandas em que eles percebem ao seu redor. Neste sentido, a Psicologia colabora com a cidadania, possibilitando na escola a participação dos envolvidos a partir de exercícios de caráter lúdico.

A partir da atividade obtivemos fala dos alunos que eles não conheciam esta atuação da psicóloga. Um dos membros do grupo dos “hackers” justificou que acreditava que essas atividades eram muito importantes, pois ele havia sofrido



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

de depressão e superou se expressando e estreitando laços de amizade. Isso nos mostrou a importância de desenvolver mais atividades com embasamento na PSC e, por outro lado, que o fazer da Psicologia vai para além do consultório baseado na Psicologia tradicional.

Enfatizamos ainda que esta experiência denotou, a partir de atividades como o exercício de reflexão entre crianças sobre os aspectos negativos e positivos no ambiente escolar, o quão envolvidas as crianças e adolescentes estão no contexto que os cerca, diferentemente do que se acredita no senso comum. Em suas falas grupais, os alunos mostraram preocupação com a infraestrutura escolar e segurança, e o desejo de encontrar soluções para tais problemas, o que nos levou a refletir sobre a necessidade de favorecer a estes jovens espaços em que eles possam protagonizar soluções para o meio que vivem.

Diante disso, percebemos a relevância das estratégias utilizadas para o desenvolvimento das atividades de intervenção e o motivo de irem de encontro com os pressupostos da PSC: incentivo dos indivíduos em participarem dos processos que estão implicados, favorecendo a autonomia, a democratização e consenso nas relações. No entanto, apontamos como falhas nossa falta de gerenciamento do tempo nas atividades propostas, o que acabou prejudicando o exercício da reflexão ao que foi construído.

Destacamos que ainda que as atividades tenham sofrido percalços e não tenha sido possível realizá-las plenamente conforme os objetivos propostos, percebemos o estabelecimento de uma das categorias principais em PSC em nosso processo de intervenção: o diálogo, descrito em vários compêndios desta disciplina, mas que aqui elencaremos a importância dele por ampliar a possibilidade de compreensão do objeto analisado por aqueles agentes implicados no processo, o que acreditamos que foi realizado em cada etapa deste vivência. Por fim, a aplicação do aporte teórico da PSC nos mostrou ser um grande desafio. Percebemos a importância de vivenciar a comunidade e se inserir de fato no contexto, independente da atividade a ser realizada.



Referências

- Andery, A. A. (1984). Psicologia na comunidade. In S. T. M. Lane, & W. Codo (Orgs.), *Psicologia Social: o homem em movimento* (pp. 203-220). São Paulo: Brasiliense.
- Câmara, S. G. (2008). Compromisso, participação, poder e fortalecimento comunitário: à procura de um lugar no mundo. In M. Dimenstein (Org.), *Psicologia Social Comunitária: aportes teóricos e metodológicos: GT Psicologia Comunitária/ANPEPP* (pp.43-58). Natal, RN: Edufrn.Fernandes, F. M. B., & Moreira, M. R. (2013). Considerações metodológicas sobre as possibilidades de aplicação da técnica de observação participante na Saúde Coletiva. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 23(2), 511-529.
- Freire, P. (1980). *Conscientização: teoria e Prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes.
- Freire, P. (2019). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à pratica educativa* (59a ed.). Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra.
- Freitas, M. F. Q. (1998). Inserção na comunidade e análise de necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(1), 175-189. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000100011>
- Freitas, M. F. Q. (2010). Tensões na relação comunidade-profissional: implicações para o processo de conscientização e participação comunitária. In F. Lacerda Jr., & R. S. L. Guzzo (Orgs.), *Psicologia & Sociedade: interfaces no debate sobre a questão social* (pp. 83-98). Campinas, SP: Alínea editora.
- Freitas, M. F. Q. (2014). Projetos comunitários e sociais: como construir planos de ação. In J. Souza (Org.), *Música, Educação e Projetos Sociais* (p. 137-160). Porto Alegre, Tomo Editorial.
- Góis, C. W. L. (1994). *Noções de Psicologia Comunitária* (2a ed.). Fortaleza: Edições UFC.
- Góis, C. W. L. (2005). *Psicologia Comunitária – atividade e consciência*. Fortaleza: Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

- Guareschi, P. (2010). Introdução – O mistério da Comunidade. In J. C. Sarriera, & T. Saforcada (Orgs.), *Introdução à psicologia comunitária: bases teóricas e metodológicas* (pp. 13-23). Porto Alegre: Sulina.
- Guerra, E. L. A. (2014). *Manual de Pesquisa Qualitativa*. Belo Horizonte: Centro Universitário UNA.
- Luiz, G. M., Prá, R. M., & Azevedo, R. C. (2014). Intervenção psicossocial por meio de oficina de dinâmica de grupo em uma instituição: relato de experiência. *Rev. São Paulo*, (23), 2, 245-260.
- Martín-Baró, I. (2017). O desafio popular à Psicologia Social na América Latina. In I. Martín-Baró, *Crítica e libertação na Psicologia: estudos psicossociais* (pp. 66-88). Organização, notas e tradução de Fernando Lacerda Jr. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Montero, M. (2002). Vidas paralelas: psicología comunitaria en Latinoamerica y en Estados Unidos. In M. Montero (Org.), *Psicología social comunitária: teoría, método e experiencia* (pp. 19-45). México: Universidad de Guadalajara.
- M. Montero (2005). *Teoría y Practica de la psicología Comunitaria: la tension entre comunidade y sociedade*. Buenos Aires: Paidós.
- Montero, M. (2010). A tensão entre o fortalecimento e as influências alienadoras no trabalho psicossocial comunitário e político. In F. Lacerda Jr., & R. S. L. Guzzo (Orgs.), *Psicologia & Sociedade: interfaces no debate sobre a questão social* (pp. 65-81). Campinas, SP: Alínea editora.
- Ojeda, E. N. S. (2005). Uma concepção latino-americana: a resiliência comunitária. In A. Melillo, & E. N. S. Ojeda (Orgs.), *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas* (pp. 47-57). Porto Alegre: Artmed.
- Pereira, W. C. C. (2001). *Nas trilhas do trabalho comunitário e social: teoria método e prática*. Belo Horizonte: Vozes, Puc-Minas.
- Sawaia, B. B. (2009). Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. *Psicologia & Sociedade*, 21(3), 364-372. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000300010>



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Silva, S. C. B., & Mendes, M. (2012). Dinâmicas, jogos e vivências: ferramentas úteis na (re)construção psicopedagógica do ambiente educacional. *Rev. psicopedag.* (29)90, 340-355.

Ximenes, V. M., Nepomuceno, B. B., Cidade, E. C. (2016). Pobreza: um problema para a psicologia comunitária? In V. M. Ximenes, J. C. Sarriera, Z. A. C. Bonfim, & J. Alfaro I. (Orgs). *Psicologia Comunitária no mundo atual: desafios, limites e afazeres* (pp. 175-195). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora.

Recebido: 29/4/2021. Aceito: 13/5/2021

Autores:

Aline Vitorino Nunes

Psicóloga. Mestranda do curso de Pós-Graduação em Psicologia da UFAM.

E-mail: alinevitorinopsico@gmail.com

Virginia Karla Rosas de Souza

Psicóloga. Mestranda do curso de Pós-Graduação em Psicologia da UFAM.

E-mail: v.karla@hotmail.com

Adinete Sousa da Costa Mezzalira

Psicóloga. Professora Adjunta I da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFAM. Membro do GT Psicologia Escolar e Educacional da ANPEPP.

E-mail: adinetcosta@hotmail.com

Marcelo Calegare

Psicólogo. Professor da Faculdade de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFAM. Membro do GT Psicologia comunitária da ANPEPP.

E-mail: mcalegare@ufam.edu.br